

Dali a pouco, tornou a aparecer Constantinopla e, com ela, nossas acomodações do hotel, com seus livros e periódicos sobre a mesa; o chapéu de viagem de minha amiga colocado no cabide e, sobre a cama, o vestido que havia trocado aquela manhã para sair. Os pormenores mais reais completavam o quadro e, para maior maravilha, vimos sobre a mesa duas cartas fechadas, recém-trazidas pelo correio e cuja letra, nos envelopes, foi logo reconhecida por minha amiga. Eram ambas de um parente seu, muito querido, por cujo silêncio sentia-se inquieta há dias.

Nova mudança da cena mágica e eis-nos já no quarto ocupado pelo irmão de Miss H..., o qual jazia deitado de costas em um sofá, enquanto um criado colocava-lhe panos na cabeça, da qual, com horror, vimos que saía sangue. Não conseguíamos explicar aquilo, tendo-o deixado há uma hora, gozando perfeita saúde. Miss H... lançou um grito e, pegando-me, pressurosa, pela mão, lançou-se em direção à porta.

Chegamos apressadamente em casa, podendo comprovar, com efeito, que o jovem irmão de Miss H... acabava de cair da escada, o que lhe produzira um ferimento de pouca importância; que sobre a mesa de nosso gabinete esperavam, recém-trazidas de Atenas por um parente, duas cartas dirigidas a Miss H...

Não me faltou mais, para de todo comprovar nossas visões do *campo luminoso* do espelho mágico do dervixe, senão tomar um carro, dirigir-nos até o Ministério da Fazenda, em cujo fosso, tal como tivera a desdita de vê-lo naquele espelho, estropeado, famélico, porém ainda com vida, jazia meu irmão perdigueiro, rodeado de outros cães de mau aspecto, que caçavam moscas...

UMA VIDA ENCANTADA (TAL COMO A CONTOU UMA PENA)

INTRODUÇÃO

As tortuosas ruas de A..., pequena cidade renana, achavam-se sepultadas sob um manto de densíssima névoa, numa noite do outono de 1884. Os moradores já se haviam retirado, horas antes, buscando no sono o descanso de suas laboriosas tarefas do dia. Tudo era repouso, silêncio, solidão e tristeza naqueles espaços vazios...

Também eu me achava ao leito; porém, ai!, de bem diferente maneira, pela dor e enfermidade que nele me retinham há vários dias. O silêncio, em meu redor naquela noite de mistério, era tal que, parodiando a frase de Longfellow, ouvia-se o próprio silêncio. Percebia, claramente, até o latejar de meu próprio sangue, ao circular violento por meus membros doloridos, e minha superexcitada imaginação me levava, como a escutar o sussurro de uma voz humana, murmurando não sei que estranhas coisas a meu ouvido. Não parecia senão um eco transmitido de longas distâncias, numa dessas gargantas de montanha, tão solitárias como maravilhosamente ressonantes e que podem transmitir uma palavra, por meia milha, como por um tubo acústico. Era, sim, a voz tão familiar para mim há tantos anos: a voz de um desses grandes seres a quem não se pode conhecer sem, no ato, sentir-se presa da mais viva veneração e a quem, nos transe mais cruéis do paroxismo de minhas dores mentais e físicas, sempre devi a luz de um raio de consolo e esperança...

— Esquece tuas próprias dores — dizia-me aquela suavíssima e inefável voz — apartando delas tua